
A PROSA POÉTICA NOS CONTOS DE CARRASCOZA
The poetic narrative in Carrascoza's short-stories

Luciana Ferreira Leal ¹

CARRASCOZA, João Anzanello. *A estação das pequenas coisas*. Curitiba: Positivo, 2017.

A obra *A estação das pequenas coisas* (2017) reúne dezoito contos que tratam de forma sensível de experiências, descobertas e aprendizados. Em histórias suaves e poéticas, João Anzanello Carrascoza espelha as transformações íntimas de cada personagem em contos selecionados de seus livros publicados nos últimos dez anos de carreira. Destacado como uma das maiores vozes da literatura brasileira contemporânea, o autor consegue transformar, por meio de prosa poética, temas triviais do cotidiano em metáforas que transbordam beleza. Em seus contos, marcados pelo prosaico, o autor nos mostra que o corriqueiro está repleto de significados e que o triste também pode ser belo.

O projeto gráfico editorial da obra revela sensibilidade nas cores sóbrias da capa, assim como nas fotos que compõem capa e contracapa. Cada conto é introduzido por uma ilustração que ora serve para pontuar o texto, ora sugere simbolicamente uma ideia não dita, ora narra uma ação ou ainda descreve objetos e cenários. Diferentemente do texto, elas são estáticas, não sugerem movimento e são sóbrias em suas cores. Mesmo as coloridas não apresentam brilho. O título evoca em uma frase que a vida é a estação das pequenas coisas, por isso passageira, transitória, fugaz, de curta duração, como os momentos captados nos contos, fugazes, mas vividos intensamente pelas personagens.

A partir das pequenas coisas contidas nesse livro, somos convidados a contemplar o mistério da vida como quem contempla a paisagem, de lado, no banco de um carro. Com profundidade, proximidade e poeticidade,

¹ Pós-doutora, Doutora e Mestre em Letras, pela UNESP, campus de Assis. Professora de Literatura de Língua Portuguesa da UNESPAR - Paranavaí. E-mail: luciana_lea@hotmail.com

Carrascoza faz desse contemplar um exercício de entendimento de diferentes realidades. Ele nos encaminha, por meio da tempestade, fazendo com que sintamos os pingos de chuva, o amor da proximidade de um filho com o pai e as lágrimas da criança que perde o ente familiar. Evidencia-nos que algumas coisas nos transformam de repente.

Entre os dezoito contos que compõem o livro, o primeiro, “Caçador de vidro”, trata da viagem de um pai e seu filho para comprar vidros para a casa que estão reformando. O menino contempla o lado da paisagem – ele sempre gostou de imaginar o que sente. A relação, o crescimento, a mudança da infância para adolescência e a descoberta são tematizados nesse conto.

No texto “As coisas mudam as coisas”, quando amanhece no rancho, o pai convida o filho para irem a pé até a Santa Rita. Como tem de viver o tempo de algum jeito, o menino aceita, pois aquele era uma forma nova e, depois de vivenciar o novo, passa a ver melhor também as coisas conhecidas. No caminho, a maior descoberta: o sentimento de amor que jamais pensou sentir pelo pai. Com linguagem desautomatizada, nova, os diálogos e discursos diretos são separados por vírgula e letra maiúscula, sugerindo a rapidez e a intensidade do momento.

No conto intitulado “Aquele água toda”, a mãe anuncia que irão à praia e a alegria invade ainda mais o menino: “Flutuava no silêncio de tão feliz” (p.30). De uma poeticidade latente, a linguagem nos impressiona mais e mais nesse conto: “o cheiro do dia recém-nascido. O menino se levantou e vestiu o seu destino” (p.31).

Já em “Credencial”, durante um almoço de negócios em que um homem conta a história de seu pai diplomata, o protagonista rememora a sua infância junto a um homem admirável, que não pode vê-lo crescer: seu pai. Rememora as conversas sobre o que a vida pedia quando a mesma fruía: “naquele seu agora, que é tudo o que temos, e que, depois, vai se diluindo na memória” (p. 48).

No conto, “Escuro”, pai e filho na sala, diante de um filme, constata um tempo fugidío. O menino crescera e o pai rememora, na tentativa de reter o momento, o tempo em que o filho era pequeno e que assistiam filme com pipoca no cinema “e cada um ocupava o seu lugar no outro”; “e ver meu filho, imóvel e menino, ao meu lado, como se para sempre” (p.55). A linguagem é envolvente e sedutora, concretizando o trabalho estético da arte de escrever.

Em “O vaso azul”, Thiago visita a mãe após um ano de ausência. Sobe a rua sem calçamento que o leva à casa. Vem só por um dia e irá por muitos. E vem sem avisar: “E se outras mil vezes ali chegasse, fosse qual fosse a hora, dia ou noite, ele a encontraria assim, abrindo-lhe a porta, a sorrir, como agora” (p.62). O conto tematiza que as recordações e o amor só

são sublimes porque são imperfeitos.

O conto “Primeiras letras” é narrado em primeira pessoa. Seu narrador, já crescido, rememora eventos emblemáticos da infância e se dirige a um leitor invisível e sem voz que o acompanha em viagem ao passado. Em “Fim”, também narrado em primeira pessoa, temos a visita do narrador e do pai a um tio doente, trazendo uma poeticidade frente à vida que pulsa. Na ordem planejada da vida, o inesperado, que vem de fora, leva ao maior entendimento: o de que tudo passa.

O conto que recebe o título de “Para sempre” ocupa um formato de texto peculiar: as letras se presentificam em apenas uma parte retangular da página. O conto tematiza o fim do amor de um casal. Tematiza também que o sonho a dois ou a três pode secar e não há nada o que fazer diante da realidade mais brutal.

O título do antepenúltimo conto do livro, “Espinho”, prenuncia a dor. Narrado em primeira pessoa, o conto relata a convivência e o amor entre dois irmãos. O irmão mais velho, que ensina o narrador a ver a imensidão das coisas (primeiro tem de ver tudo de uma vez e depois aos pouquinhos), adoece e morre. No penúltimo texto, “Chamada”, o narrador em terceira pessoa nos chama a atenção para a personagem Renata, uma menina que cuida da mãe e falta muito à escola. Mas, naquela manhã, o pai ficaria com a mãe para que a filha pudesse estudar. E a despedida acontece, num esforço sobre-humano da mãe para parecer bem. Os presságios de que seria o último dia e a dor da perda movimentam o conto.

O último conto do livro, “Mar”, tematiza uma ideia de muitos contos de João Anzanello Carrascoza: a morte. O autor retrata a vida. Mas sabemos que não é possível tratar da matéria da vida sem a morte. A morte do filho, tragado pelo mar, é o assunto do conto final do livro.

Em quase todos contos, as personagens se apresentam como figuras prosaicas, comuns à vivência cotidiana, denotando amplitude e maior interação do leitor com o universo vivenciado e convidando, assim, a um processo de catarse e identificação do leitor que se envolve com o enredo dos contos. Os protagonistas de dezessete, dos dezoito textos, são do gênero masculino, o que não destoia da maioria das obras publicadas para o público juvenil.

Sabemos que o bom livro literário infantil ou juvenil é indicado para qualquer idade, porém a idade dos protagonistas é determinante para que a obra seja classificada como juvenil. Na obra analisada, as personagens vivenciam transformações, muitas delas associadas ao início da puberdade. Todavia, personagens infantis e também adultas povoam os contos analisados, o que configura esse livro como obra de difícil limitação de público.

Em todos os contos há um excelente nível de trabalho com a linguagem. Leve, suavizante e altamente poética. O movimento que se empreende em *A estação das pequenas coisas* (2017) é o da infância condensada e imortalizada no instante. As experiências do crescimento, muitas delas dolorosas; as transformações, que envolvem amadurecimento e presença familiar; as mudanças, o recomeçar com liberdade e dignidade, são captados nesse livro com muita subjetividade e sutileza. Destaca-se, portanto, a busca de identidade dos protagonistas, assim como ao processo de crescimento emocional.

